

## INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

SILVA, Berenice M<sup>a</sup> Dalla Costa da<sup>1</sup>  
PEDRO, Vanize Dalla Costa<sup>2</sup>  
JESUS, Eliane Maria de<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo intitulado “Influencia da Afetividade entre professor/aluno no processo ensino/aprendizagem” buscou em alguns teóricos que fundamentam a importância da afetividade na educação infantil, compreender a importância da afetividade para a aprendizagem. O interesse sobre este assunto surgiu por trabalhar em uma creche que atende crianças de zero a quatro anos. Para isto realizamos uma pesquisa bibliográfica procurando analisar as obras que abordam estes assuntos e a visão desses autores sobre essa problemática. Com este estudo bibliográfico, compreendemos conforme visão dos autores pesquisados que a primeira infância é um momento de grande desenvolvimento cognitivo das crianças, pois iniciamos nosso processo de aprendizagem bem cedo. Diante disto, podemos concluir com a pesquisa que a afetividade se constitui na base de todas as relações da pessoa diante da vida e que esta influencia nosso comportamento promovendo ou não, na falta dela, o desenvolvimento da aprendizagem. Pretendemos com o estudo contribuir positivamente com as instituições de ensino e seus profissionais sendo um instrumento útil de reflexão para a prática educativa.

**Palavras-Chave:** 1. Afetividade 2. Escola 3. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UNEMAT-2010); Graduada em Administração (UNEMAT/EAD-2014); Especialista em Educação e Diversidade (UNEMAT-2012); Especialista em Psicopedagogia (AJES-2011); Professora Efetiva na Educação Infantil (Juara/MT); Professora Interina (UNEMAT-Campus de Juara).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia (UNEMAT-2015); TDI (Técnica de Desenvolvimento Infantil) efetiva (Juara/MT)

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia (Universidade de Goiás, Campus de Uruaçu, 2011); Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental (Universidade Federal de Goiás, Cepae, 2013).

A interação entre professor e aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares do ano letivo. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. Por isso, buscamos com este tema, compreender o que faz com que uma criança encontre dificuldade ou rejeição à aprendizagem ou ao professor, uma vez que todas são consideradas igualmente capazes, possuindo a mesma inteligência, porém algumas a desenvolvem com mais facilidade, enquanto outras encontram maior resistência.

A afetividade entre os seres humanos é de fundamental importância para elevar a auto-estima de qualquer indivíduo. Com as crianças isso acontece com maior intensidade podendo levá-las a construir seus conhecimentos de uma forma prazerosa ou na sua falta, a bloquear sua criatividade levando-as a se considerarem seres incapazes de construir e aprender.

Acreditamos que na escola a afetividade que o professor desenvolver com seus alunos, irá influenciar no aprendizado dos mesmos. Se no lugar de encontrar afeto a criança encontrar indiferença terá dificuldades de superar qualquer obstáculo que vir a encontrar pelo seu caminho, pois terá medo de perguntar e falar temendo ser punido por não ter conseguido aprender aquilo que lhe foi passado, enquanto aquilo que traz como bagagem não tem valor para a escola.

Ser professor não constitui uma tarefa simples, mas requer muito amor e habilidade. O educador não é simplesmente aquele que transmite saber para seus alunos, o seu papel é bem mais amplo, ultrapassando essa mera transmissão de conhecimentos.

Somos seres humanos dotados de inteligência que podem ou não ser desenvolvidas, dependendo da situação e do meio em que vivemos. Diante de situações que nos deixam em níveis de desvantagem diante dos outros nos sentimos acuados e necessitamos de incentivo para termos coragem de prosseguir, quando recebemos crítica ao invés de elogios sofremos imediatamente um bloqueio que nos impossibilita de analisarmos nosso papel potencial e começamos a nos julgar incapazes de tudo.

A criança é mais suscetível a esse tipo de emoção, por isso se discute tanto a afetividade nas escolas, pois os profissionais sabem que quando se sente

valorizada a criança terá mais facilidade em aprender. Bock (2005, p.190) nos diz que “*em muitas situações da vida (...) são os afetos que determinam nosso comportamento*”. Podemos perceber então o valor que o afeto tem para o ser humano, levando-o muitas vezes a mudar seus próprios comportamentos diante das demonstrações de afetividade que recebe de alguém.

Ao manifestar considerações sobre afetividade este trabalho pretende contribuir com algumas reflexões importantes, especialmente para educadores iniciantes na Educação Infantil. Abordamos a importância da afetividade na relação professor/aluno visando à adaptação e a socialização das crianças que ingressam na escola pela primeira vez.

Bock (2005), Galvão (2003) e Capelatto (2007), explicam alguns aspectos do desenvolvimento humano, entre o aspecto afetivo-emocional e o social igualmente importante para o processo de adaptação infantil.

Mahoney e Almeida (2004), baseados na teoria de Wallon, deixam claro que a afetividade é o conjunto funcional responsável pelo estado de bem-estar e mal-estar humano. Ainda afirmam que o ato motor é indispensável para a constituição do conhecimento e para a expressão das emoções, portanto inerentes ao cognitivo e ao afeto na constituição da pessoa.

Sobre o cognitivo, Saltini (2002), também ressalta que o desenvolvimento deste só é possível se houver condições afetivas e relacionamento social favorável. Paredes e Tanus (2000) destacam os estágios de desenvolvimento de Piaget, pois todo educador precisa ter esse conhecimento para melhor compreensão no processo ensino aprendizagem das crianças.

Diante disso, optamos por este tema para compreender essa relação entre professor e aluno e buscar analisar como as emoções afetam o desenvolvimento cognitivo do aluno. Compreender como vem sendo trabalhada a afetividade em sala de aula, como é o relacionamento entre professores e alunos e como este relacionamento pode contribuir para o aprendizado da criança.

O estudo pretendeu contribuir na ajuda com nossos alunos a partir da construção de relacionamentos afetivos, e quais são os caminhos que devemos percorrer para buscarmos conhecimentos que melhorem a qualidade de ensino

aprendizagem, possibilitando entendermos e valorizarmos os educandos em sua totalidade.

Pretendemos com este trabalho ser um instrumento útil de reflexão para a prática educativa que é dirigida para as crianças e os profissionais das instituições infantis.

## **2. AFETIVIDADE NA ESCOLA**

A afetividade entre os seres humanos é de fundamental importância para elevar sua auto-estima, com as crianças isso acontece com mais intensidade. Para Vygotski (apud OLIVEIRA, 2003, p. 23) *“o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência.”* Para o autor, o fator emocional está ligado à complexidade da vida, onde o meio cultural e a origem do sujeito e a sociedade em que vive influenciam na formação de sua personalidade e nos seus relacionamentos afetivos, complementando que,

as ferramentas culturais internalizadas constituem instrumentos mediadores para a metamorfose do domínio afetivo ao longo do percurso da vida de cada membro da espécie humana, afastando-o de sua origem biológica e dotando-o de conteúdos histórico-culturais. A imersão dos sujeitos humanos em práticas e relações sociais define emoções mais complexas e mais submetidas a processos de auto-regulação, conduzidos pelo intelecto (VYGOSTKY apud ARANTES, p. 27, 2003).

Se a prática das relações sociais define as emoções, fica evidente que a afetividade que o indivíduo recebe durante todo o seu percurso de vida irá nortear suas atitudes e aprendizado. Portanto, para uma criança que está na fase de construção de seu aprendizado o lado emocional é a mola propulsora para a construção efetiva do seu cognitivo.

Para Capelatto (2007, p. 17), a identidade de uma criança é construída através da afetividade. Diante disto ele afirma que,

A base para que uma pessoa se torne um ser humano são exatamente as referências que ela tem da vida. As referências só se constituem de forma afetiva. Não existem referências sociais para uma criança. As referências que ela usa para poder se ver, para poder se tornar um eu pensante, um eu falante, são referências afetivas. As referências afetivas são pessoas, são palavras e gestos que os outros usam na vida e que vão, de alguma forma,

transformar-se em relação de cuidado ou de descuido para com a criança. A leitura que a criança faz desses gestos e desses atos do adulto, seu cuidador, é que vai desencadear o processo psicológico que chamamos de identidade ou formação de identidade. Então é na afetividade, isto é, na maneira como se fazem os vínculos entre o adulto e a criança que a identidade vai ser favorecida ou não.

Quem não se lembra de uma professora ou professor que lhe marcou profundamente na infância, ou até de familiares agressivos que causam frustrações, ou então saudade daquela pessoa que nos momentos mais marcantes estava a seu lado lhe dando forças e coragem, animando e incentivando seja nos momentos bons ou ruins, mas que deixaram marcas profundas. Neste sentido Capelatto (2007) ressalta a importância que a afetividade tem na vida de uma criança que está em formação de sua identidade.

De acordo com Kupfer (2003), ainda existem educadores que acreditam que o cognitivo e o emotivo podem ser divididos em partes distintas. Mas para a psicanálise não existe um paralelismo, mas sim uma junção entre eles, pois segundo Kupfer (2003, p. 39) *“se de um lado as funções cognitivas se desenvolvem, evoluem, crescem, o sujeito, de outro, se constitui, e a constituição do sujeito obedece a diversas leis que regem o desenvolvimento cognitivo”*. Sob a ótica do mesmo autor a constituição do sujeito, não acontece por si só, quando ele chega ao mundo já encontra certos padrões pré-elaborados onde deverá inserir-se.

Piaget (apud BOCK, 2005, p. 101 a 106) em suas pesquisas conclui que o desenvolvimento cognitivo se dá através de estágios de desenvolvimento. Estágios que ele separa em quatro faixas etárias diferentes: O estágio sensório-motor (0 a 2 anos), o estágio pré-operacional (2 a 7 anos), o estágio operacional concreto (7 a 12 anos) e o operacional formal (12 anos em diante).

O estágio sensório motor que acontece desde o nascimento até os 2 anos de idade é o período em que a criança não é capaz de representar mentalmente os objetos, ou seja, só consegue perceber aquilo que está ao alcance de seus olhos, quando um objeto que está visualizando é escondido ela não consegue representá-lo mentalmente. A estimulação e o ambiente em que a criança vive é que vão determinar a passagem de um estágio para outro.

O estágio pré-operacional acontece no período entre os 2 e 07 anos de idade, neste período a criança já consegue criar imagem de um objeto que está

ausente, começa a dar significados às coisas. É também marcada pelo egocentrismo. A criança não consegue ainda se colocar no lugar do outro, para ela o mundo gira em torno de si própria.

O estágio das operações concretas está compreendido dos 7 aos 12 anos e neste período a criança já possui uma organização mental integrada. É capaz de ver a totalidade de diferentes ângulos, trabalha agora com objetivos representados, não precisando mais tocá-los ou senti-los para compreendê-los.

E no último estágio, o das operações formais, que se inicia mais ou menos a partir dos 12 anos de idade que ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. Neste período a criança se liberta inteiramente do objetivo inclusive o representado. Torna-se capaz de deduzir as conseqüências, têm início aqui os processos de pensamento hipotético-dedutivos (PIAGET, apud BOCK, 2005).

A idade que a criança passará de um estágio para outro é individual, pois depende da estimulação que recebe no ambiente em que vive. É importante em todo e qualquer estágio o incentivo que a criança recebe tanto de seus familiares quanto da escola para fortalecer o desenvolvimento do cognitivo. A criança passa a maior parte de seu tempo em escolas e creches, sendo de fundamental importância a estimulação que lhe proporcionada no decorrer do seu desenvolvimento cognitivo, a valorização e o afeto são essências para efetivar este desenvolvimento de forma mais eficaz.

Os primeiros contatos afetivos acontecem nos lares onde a criança nasce neste ambiente ela recebe as primeiras demonstrações de afeto, por isso a criança se sente segura e protegida ao lado dela. Quando deixa sua casa para ir à escola, ocorre o sentimento de desamparo pela mudança brusca que acontece em sua vida. Chegando à escola precisa encontrar proteção e afeto para se sentir tranqüila e segura.

Se no lugar de afeto a criança encontrar indiferença terá dificuldades em superar os obstáculos que encontrar em seu caminho. As crianças são seres humanos dotados de inteligência que podem ou não ser desenvolvidas, dependendo da situação e do meio em que vivem. Em situações embaraçosas diante dos demais podem se sentir acuadas, precisando de incentivos para prosseguir. Se ao invés de

receber elogios sofrem somente críticas, podem ocorrer bloqueios que as levem a se julgarem inferiores, quando a criança se sente valorizada têm mais facilidade em aprender. Agressividade falta de atenção e desinteresse podem ser relacionados a carência afetiva. Neste contexto, Bock (2005, p. 190) nos diz que “*em muitas situações da vida são os afetos que determinam nosso comportamento.*”.

Quem de nós não se lembra de um colega, que acabou se tornando nosso grande amigo, ou então de algum professor que marcou intensamente nossas vidas. Geralmente os que nos marcam são aqueles que mais nos dedicaram atenção, com quem nos identificamos, ou então aquela pessoa que nos causou aversão. Enfim, nos lembramos daqueles que nos deixaram marcas, tanto positivas como negativas. Diante disto, observamos que a relação afetiva é muito importante, tanto a afetividade adquirida como a falta dela deixa marcas em nossas vidas.

A interação entre professor e aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares e o ano letivo. É uma relação que deixa marcas positivas ou negativas, por isso o educador deve sempre usar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar facilitando assim a construção do conhecimento.

A tarefa do professor é árdua, necessita de muita dedicação, pois este trabalha com seres humanos, únicos, que possuem sentimentos que afetam o desenvolvimento cognitivo. Portanto, a atitude do professor para com o aluno irá desencadear a possibilidade para a construção do seu aprendizado, assim como também pode bloquear sua criatividade. Assim Bock (2005, p.193) nos diz que:

Os afetos ajudam-nos a avaliar as situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos das situações vividas e do planejamento de nossas reações ao meio.

O ser humano precisa sentir prazer naquilo que faz, e na escola isso não é diferente. Para que a criança construa o conhecimento tendo êxito no aprendizado, precisa sentir-se amado e aceito pelo professor e colegas de forma a compreender que é um ser único e importante. Todos os seres possuem inteligência e precisam desenvolvê-la. Segundo Fernandez (2001, p. 27), “*a liberação da inteligência aprisionada só poderá dar-se através do encontro com o prazer de aprender que foi perdido*”. Se não houver prazer, o aprender não será eficaz. A criança precisa sentir-se segura e capaz para conseguir construir sua aprendizagem.

Neste contexto o professor é a peça fundamental do processo, pois é seu comportamento que a criança observa e leva em conta, é no professor que o aluno se espelha e se inspira.

Se a criança gosta do seu professor fará todo o possível para agradá-lo, e sabe que a melhor forma de agradá-lo é aprender. E em todos os momentos espera receber elogios. Quando não alcança seus objetivos acaba muitas vezes ouvindo somente críticas e isto lhe causa bloqueios, que o fazem sentir-se incapaz e inferior. Por isso que a relação afetiva entre professor e aluno deve ser mais acentuada durante as dificuldades, pois o mesmo terá mais vontade de buscar alternativas para superar estas barreiras. Diante disso Rossini (2005, p.9) diz que “*aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso e prazeroso*”.

O aluno não pode ser visto apenas como um número a mais na sala de aula é um ser humano que possui valores, vontade própria e uma leitura pessoal de mundo, pensa diferente de seu colega e professor, tem direito de defender suas idéias e formular sua própria opinião. Precisa ter oportunidade para construir novos conhecimentos, modificar os que já existem criar hipóteses, duvidar de suas próprias hipóteses e recriá-las para assim aos poucos construir novos conhecimentos. E é no professor que busca reposta para suas aflições, se o professor valorizar o seu ponto de vista, incentivando-o, tornar-se-á crítico e desenvolverá com mais facilidade a sua criatividade.

Dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas à carência afetiva pela qual a criança passa, problemas familiares são sentidos pela escola e afetam o processo ensino aprendizagem da criança. Trabalhar pontos positivos, auxiliar a criança a encontrar saídas para suas angustias, mostrar a ela que não esta sozinha, traz confiança e a impulsiona a reagir diante das dificuldades. A este respeito Rossini (2005, p. 15) nos diz que “*o ser humano pensa, sente, age. Ele pode ter um quociente intelectual (QI) altíssimo, porém, se o seu sentir estiver comprometido ou bloqueado, a sua ação não será energizante, forte, eficaz e produtiva*”.

O professor precisa ter capacidade de perceber as diferentes formas de aprender das crianças. Cada uma é um ser único, que por sua vez aprende de forma única também. Manter contato corporal como forma de carinho, elogiar o trabalho do aluno, reconhecer seu esforço e destacar pontos positivos de suas produções,



constitui formas de afetos que são essencialmente necessárias para a construção positiva do aprendizado da criança.

O mundo contemporâneo já não oferece mais uma constância de famílias que são compostas por pai, mãe e irmãos. Rossini (2005, p. 41) relata que *“hoje temos a família monoparental: casais divorciados após o nascimento de filhos e estes ficam ou com o pai ou com a mãe”*. Além disso, há uma diversidade de composição familiar, situações em que as crianças residem com outros familiares. Na maioria das vezes a criança tem pouco contato com sua própria família, e diante disto, o professor passa a ser a pessoa com quem a criança convive a maior parte do seu dia.

Mães têm necessidade de trabalhar fora e não tem mais tempo para dar a atenção necessária ao filho, e por conseqüência muitas vezes não conseguem auxiliar o filho nas tarefas escolares. O afeto familiar tem diminuído, pais tentam compensar sua ausência comprando presentes para os filhos e com isso as crianças acabam perdendo a própria identidade.

Parece que o desenvolvimento social e tecnológico trouxe a dissolução das famílias e as crianças quase sempre ficam desprovidas do amor, da segurança. Parece que não são mais descendentes de ninguém: estão abandonadas, sem raízes, sem referências (ROSSINI, 2005, p. 41).

Tudo isso se reflete na vida escolar da criança que busca no professor a atenção que não tem em casa.

O aprendizado da criança acontece a partir da interação social, onde adquire conhecimentos culturais, com experiências vivenciadas com outras pessoas. Porém, não é um ser copiador e sim construtor, que coloca um pouco de si em tudo que faz, mesmo que copie aquilo que está feito, estará reconstruindo. Até mesmo ao copiar um desenho a criança criará um significado próprio conforme a sua cultura e assimilação do objeto copiado. Neste sentido Galvão (2003, p.83) afirma que:

A reflexão sobre as possibilidades de interação social oferecidas pela escola é um exercício a ser feito em permanência, incluindo aí tanto as interações entre as pessoas como as interações destas com o conhecimento e outros produtos da cultura.

O aluno precisa encontrar significado naquilo que faz. Quando compreender a importância do conteúdo aprendido, encontrará sentido e passará a gostar do que está fazendo. Para que isso aconteça é necessário haver momentos de diálogos

entre professores e alunos. É importante que o professor saiba ouvir seus alunos, conheça suas curiosidades, suas dúvidas e ansiedades e a partir daí produza suas aulas, abrangendo os conteúdos já programados, porém de forma a suprir a curiosidade das crianças, trazendo para sua realidade o assunto abordado a fim de que faça sentido para o aluno aquilo que está sendo estudado. Assim, Galvão (2003, p.88) diz que “É preciso que a escola reflita sobre as possibilidades que oferece, buscando situações em que a expressão seja de fato o objetivo da atividade e não um transbordamento indesejado que tenderá a ser contido”.

O professor deve estar atento às atitudes de seus alunos, não ameaçá-los com castigos e chantagens, mas tentar ganhá-los para si, demonstrando compreensão e carinho por eles. Porém, tudo isso precisa ser pensado com disciplina e limites, compreender o aluno não é permitir que faça tudo o que deseja, mas que venha a entender que faz parte de uma sociedade onde convive com outras crianças e adultos e que precisa respeitá-los, demonstrar que seus direitos terminam quando começa o direito dos outros. O que não quer dizer que também precisem concordar com a opinião alheia, mas sim respeitá-la, assim como também gostam de ser respeitados.

A afetividade nestes casos desenvolve nos alunos um sentimento de respeito mútuo. Se advertidos a todo o momento podem vir a sentir medo ao invés de respeito pelo professor. Dificilmente haverá aprendizagem se o aluno tiver medo de seu professor, ele jamais questionará e tirará dúvidas, pois teme ser repreendido, o que fará com que se sinta humilhado diante dos colegas.

De acordo com Souza (2003, p.57), em consonância com teorias Piagetianas “a afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o acelerando-o ou retardando-o”, o que nos remete a entender que afetividade e inteligência são indissociáveis e precisam ser pensadas como um todo e não em partes diferentes e separadas.

Tanto se fala em educação inclusiva, será que as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e principalmente de relacionamento podem se dizer inclusas? Quantas vezes nos deparamos com professores rotulando seus alunos, dizendo “esse aí é terrível, só atrapalha”. Pais são convidados a visitar a escola quando seus filhos demonstram comportamentos diferentes do esperado pelo

professor, na maioria das vezes para dizer-lhes que o filho é problemático, não aprende e só causa confusão, agride os colegas e não respeita o professor. Os pais, mais do que os professores estão despreparados para tomar qualquer atitude a esse respeito, acabam irritados e envergonhados.

Se a criança já demonstrava um comportamento negativo por se sentir carente de afeto, a situação apenas irá se complicar.

De acordo com Moreno (2003, p.139) *“para compreender o comportamento manifesto de cada uma das partes implicadas em um conflito, é necessário levar em consideração o significado cognitivo e afetivo atribuído a esse comportamento”*.

Os conflitos existentes em sala de aula devem ser constantemente trabalhados. O professor poderá usando de sua imaginação contar historias que remetem a certos tipos conflitantes que vem percebendo em suas aulas, trabalhando esse conceito de maneira indireta antes mesmo que o mesmo se torne grave e de difícil solução. Nesta perspectiva, Moreno (2003, p.146) faz a seguinte afirmação:

Assim como os conteúdos das matérias curriculares no exato momento em que seu uso imediato é exigido – eles não são ensinados em situações menos urgentes, também a aprendizagem da resolução de conflitos deve ser iniciada em momentos não conflitivos, com a análise de problemas hipotéticos extraídos de experiências vividas por outros estudantes.

É evidente que constantemente somos guiados pelas emoções. Crianças são seres criativos, recriam o que conhecem fantasiando, transformando tudo num conto de fadas. Em seu mundo imaginário constroem coisas maravilhosas. De volta a realidade percebem que as coisas nem sempre são o que acreditam que sejam.

A emoção influencia nosso comportamento, quando estamos felizes reagimos com mais compreensão as situações de adversidades que nos são impostas, mas quando estamos insatisfeitas ou contraídas por algum motivo, nem as maiores realizações transformam nossos sentimentos, estamos voltados a ver um pequeno ponto negativo em tudo e esquecemos a grandiosidade do lado positivo.

Nesse sentido podemos ressaltar o nosso sentimento e reação a um mesmo assunto em momentos em que nos sentimos tristes ou alegres, com certeza pensaremos diferente. Diante disto, nós professores precisamos procurar compreender as atitudes de nossas crianças e ajudá-las com afeto e compreensão.

O bom professor não é o “bonzinho”, mas sim o “amigo”, que está presente em todas as horas, que vê o aluno na rua, que chama atenção quando necessário, que elogia e incentiva sempre, que avalia o aluno a partir do seu progresso nunca o comparando com as outras crianças. Ser professor é ser amigo, companheiro, parceiro, saber respeitar e demonstrar amor.

### **3. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A primeira creche brasileira para filhos de operários que se tem registro, segundo Machado (2001), foi a Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado (RJ), criada em 1899. As creches são um produto da Revolução Industrial que necessitou de mão de obra e contratava muitas mulheres.

Com isto as crianças pequenas ficavam separadas de suas mães durante um período muito longo e necessitavam de cuidados. No início a única responsabilidade das creches era manter as crianças limpas, alimentadas e seguras.

Somente na década de vinte, segundo Machado (2001), é que houve algumas mudanças, com a implementação de programas educacionais e contratação de professores com formação para maternal.

Nas últimas décadas a procura por creches tem aumentado muito, devido ao fato das mulheres de todas as classes sociais estarem buscando maior igualdade profissional, e com isto precisarem de tais serviços.

Neste contexto, Machado (2005, p.79) nos diz que:

Práticas educativas e concepções acerca da educação da criança pequena em creches e pré-escolas foram sendo modificadas a partir de situações sociais concretas que, por sua vez, geraram regulamentações e leis enquanto parte de políticas públicas historicamente elaboradas.

No percurso da história percebe-se que as mudanças só foram possíveis porque também se modificaram na sociedade *“as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância.”* (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.13).

Na atualidade a educação da criança é pensada com muita responsabilidade. As novas leis lhe dão destaque que antes não tinha, priorizam a

organização de espaços destinados especialmente para educar as crianças; que são as creches; contratam e preparam profissionais na área da infância.

A Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) coloca em seu artigo 89 que: *“As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar a partir da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino.”* (MACHADO, 2005, p.80).

Isto é muito importante, pois, no momento em que a criança ingressa na creche ou pré-escola ela se depara com um universo diferente do que está acostumada. Precisamos compreender que o trabalho de todo o segmento educacional é de grande importância na vida de uma criança. Este trabalho precisa ser realizado com profundo conhecimento, atenção e respeito. Nesta perspectiva, Machado (2005, p.81) coloca que:

O padrão de qualidade a ser obedecido pela creche passa a incluir critérios pedagógicos de desenvolvimento de competências pelas crianças, além de outros requisitos que uma instituição para crianças deve apresentar: ambiente limpo, saudável, organizado, com cuidados físicos também atentamente observados.

É na escola que a criança tem a continuação da sua vida social, com maiores oportunidades de inserção nas relações éticas e morais que a rodeiam. É, portanto, no espaço escolar que a criança irá fortalecer e amadurecer a construção da sua identidade e estará se preparando para adquirir conhecimentos novos relacionados à sua cultura e das pessoas que a rodeiam.

Segundo Wallon (apud CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.28):

O desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas pelo meio e do grau de apropriação que o sujeito faz delas. Neste sentido, os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem, bem como os conhecimentos presentes na cultura contribuem afetivamente para formar o contexto de desenvolvimento.

Não podemos esquecer que o início de tudo está no ambiente familiar. São as relações familiares que definem a maior parte do caminho das crianças; sua auto-estima, respeito pelos outros, caráter. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.13):

A fonte original da identidade está naquele círculo de pessoas com quem a criança interage no início da vida. Em geral a família é a primeira matriz de socialização. Ali, cada um possui traços que o distingue dos demais elementos, ligados à posição que ocupa (filho mais velho, caçula etc.), ao papel que desempenha, às suas características físicas, ao seu temperamento, às relações específicas com pai, mãe e outros membros etc.

Por esta razão deve se valorizar a formação do professor e a preparação das famílias para uma parceria educar-cuidar, entendendo que isto fará diferença na vida escolar da criança, sem esquecermos que as relações entre família e a escola somente poderão ser construtivas se estiverem baseadas no respeito mútuo, na confiança e na aceitação das diferenças de cada um.

A educação infantil é um universo mágico, que possibilita uma diversidade muito grande de idéias. As crianças aprendem com facilidade, se o que lhes for ensinado vier recheado de carinho, atenção e criatividade. Para Wallon o desenvolvimento da inteligência depende das experiências oferecidas e com isto propôs “o estudo integrado do desenvolvimento infantil, contemplando os aspectos da afetividade, da motricidade e da inteligência” (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 28). Segundo Vygotsky (apud CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.29):

O funcionamento psicológico estrutura-se a partir das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e o mundo exterior. Tais relações ocorrem dentro de um contexto histórico social, no qual a cultura desempenha um papel fundamental, fornecendo ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade.

Para WALLON as trocas estabelecidas entre sujeito e meio constroem a capacidade de conhecer e aprender, e o desenvolvimento infantil passa por estágios onde ocorrem reformulações e não simplesmente reorganização de experiências anteriores. Na perspectiva deste pesquisador da educação infantil (apud CRAIDY & KAERCHER, 2001, p.28) no desenvolvimento do estágio sensorio-motor que acontece de um a três anos de idade, é que:

Ocorre (...) uma intensa exploração do mundo físico, em que predominam as relações cognitivas com o meio. A criança desenvolve a inteligência prática e a capacidade de simbolizar. No final do segundo ano, a fala e a conduta representativa (função simbólica) confirmam uma nova relação com o real, que emancipara a inteligência do quadro perceptivo mais imediato. Ou seja, ao falarmos a palavra “bola”, a criança reconhecerá imediatamente do que se trata, sem que precisemos mostrar o objeto a ela. Dizemos então que ela já adquiriu a capacidade de simbolizar, sem a necessidade de visualizar o objeto ou a situação a qual estamos nos referindo.

Vários estudiosos contribuíram muito com seus estudos e experiências, para que a criança passasse a ser respeitada e compreendida enquanto ser ativo.

Assim, a maioria das escolas de educação infantil tem se preocupado em fazer com que *“a brincadeira seja incorporada no currículo como um todo, e as questões colocadas no seu desenrolar possam fazer parte de pesquisas desenvolvidas em atividades dirigidas pelas crianças.”* (WAJSKOP, 2005, p.38).

Neste contexto, para que aconteça o aparecimento da brincadeira independente, Wajskop (2005, p. 38) diz ser necessário que:

O adulto seja elemento integrante das brincadeiras, ora como observador e organizador, ora como personagem que explicita ou questiona e enriquece o desenrolar da trama, ora como elo entre as crianças e os objetos. E, como elemento mediador entre as crianças e o conhecimento, o adulto deve estar sempre junto às primeiras, acolhendo suas brincadeiras, atento às suas questões, auxiliando-as nas suas reais necessidades e buscas em compreender e agir sobre o mundo em que vivem.

Por tudo isto, hoje as instituições de educação infantil são indispensáveis na sociedade. Com as creches e pré-escolas a criança passou a ser vista como sujeito ativo que pode se tornar cada vez mais competente para lidar com as coisas do mundo, se for bem orientada e respeitada em suas características individuais.

#### **4. A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

É no lar que a criança adquire as primeiras experiências afetivas. É com a mãe que o bebê tem seu primeiro contato afetivo e no decorrer desse contato é que se estabelecerão novos vínculos.

Falar sobre afetividade fica impossível sem mencionar Jean Piaget e os estágios de desenvolvimento da criança. Quando estudamos os processos de assimilação e acomodação das estruturas mentais dessa teoria, que trata do desenvolvimento cognitivo do ser humano, nem sempre nos atentamos a identificação do lado afetivo presente nele. No processo de assimilação, o aspecto afetivo é o interesse em assimilar (compreender o objetivo): e na acomodação, a afetividade está presente no interesse pelo objetivo, ou seja, a criança adapta novos conceitos aos conceitos já existentes. Nessa perspectiva, a afetividade assume

função substancial na inteligência. Segundo Piaget (apud PAREDES e TANUS, 2000, p.40):

Há quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo. O primeiro é o estágio sensório-motor, que vai de zero aos dois anos de idade. Nessa fase, as crianças adquirem a capacidade de administrar seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas ou vantajosas, é um período anterior a linguagem, no qual o bebê desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta.

O estágio pré-operacional, de acordo com Macedo (2004, p. 57): *“vai dos dois aos sete anos e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolo.”* Há aqui um egocentrismo mais acentuado. A criança ainda não é capaz, normalmente, de se colocar no lugar do outro. Para Piaget (apud PAREDES e TANUS, 2000, p.46)

Neste estágio pré-operacional em que a criança se encontra, as brincadeiras são fontes riquíssimas para o desenvolvimento da linguagem que é uma verdadeira explosão. É também neste estágio que ocorre o desenvolvimento dos sentimentos morais e regulam-se os interesses e valores, ou seja, um objeto torna-se interessante à medida que corresponde a uma necessidade. Assim, além das trocas intelectuais, há também sentimentos espontâneos que nascem das trocas entre pessoas, tal como a simpatia em relações às pessoas que correspondem aos interesses da criança e as valoriza. Os interesses e a auto valorização, os valores individuais espontâneos são as primeiras manifestações afetivas desse estágio. O estágio das operações concretas, que vai dos 7 aos 12 anos, tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e a habilidade de discriminar os objetos similaridades e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número. Por volta de 12 anos, começa o estágio das operações formais. Essa fase marca a entrada na idade adulta, em termos cognitivos. O adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico e dedutivo, o que o habilita à experimentação mental. Isso implica entre outras coisas, relacionar conceitos e raciocinar sobre hipóteses.

Na fase de escolarização, a transição do lar para a escola vai trazer a oportunidade de novos contatos, maior integração e participação ativa em outros grupos sociais. Assim os educadores, principalmente aqueles de pré I, devem buscar a melhor forma de proporcionar para seus educandos condições que favoreçam o campo da afetividade. Constance Kamii (apud PROFESSOR, 1991, p.78, vol. 1) afirma:

Durante o período de adaptação, o professor irá se aproximando de seus alunos, respeitando sentimentos e a maneira de ser de cada um deles. A grande dificuldade nos períodos de adaptação ou readaptação à escola consiste na separação das crianças de suas mães.



Por isso, quando inicialmente, a mãe ou o pai deixam as crianças na escola, ouvimos freqüentemente: - Professora, minha mãe ta demorando, virá me buscar? Ou mesmo: - Tia ta na hora da minha mãe vir me buscar? Ou ainda: - Professora a minha mãe não vem me buscar? Essas perguntas ou afirmações, causadas pela separação da figura materna, demonstram o medo e insegurança diante da presença de pessoas estranhas, no caso o professor.

Neste contexto, a postura do educador deve se manifestar na percepção e na sensibilidade da criança. No livro *Atendimento ao Pré-escolar vol. 2* (1998; p. 32) diz: *“Quando a criança vem para a escola ela já adquiri dos pais e familiares uma influência profunda e extensa, toda criança precisa sentir-se segura de que seus pais a querem muito e de que ela é muito importante para alguém”*.

Em vista disso o educador, pacientemente, deve usar palavras de conforto, estabelecendo um clima afetivo no qual a criança sinta-se segura, amada e respeitada. Além disso, mencionar a grandiosidade do amor materno para que ela consiga adquirir independência afetiva.

É importante também evitar sair da sala para que a criança não se sinta abandonada. Se for necessário permitir que ela a acompanhe até a adaptação com o novo ambiente. Segundo Saltini (2002; p. 81) *“a serenidade e a paciência do educador mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita.”* Assim, a criança encontrará representação da segurança que precisa para se auto afirmar em outros espaços que não seja o familiar.

Neste caso em situações de insegurança quanto ao retorno da mãe, a criança deve encontrar, na figura do educador, a credibilidade que lhe assegure que a mãe ou o pai virá buscá-la no final do período. Os pais ou responsáveis também precisam contribuir para que seus filhos se adaptem a nova situação dando-lhes confiança principalmente nos dois primeiros meses escolar.

Uma das alternativas é buscá-los pontualmente, pois quando as crianças vêem os coleguinhas indo embora e as pessoas responsáveis não aparecem, o temor em ser abandonada volta a sufocar. Casos assim, levam os professores à não deixar a escola antes de suas crianças, pois longe dos pais, a educadora é a única pessoa na qual a criança confia e que pode ajudá-la.

Além disso, o afeto e a disponibilidade da educadora devem estar sempre presentes, para que a criança sinta-se importante neste novo espaço social.

Constance Kamii (apud PROFESSOR, 1991; p. 79, vol. 1) nos diz: *“o que une desde o primeiro encontro professor e aluno são situações adequadas de aprendizagem e são elas que deverão balizar as relações afetivas entre ambos dando lhes trabalho e prazer.”* Em outras palavras, vinculada ao afeto está o interativo como base fundamental do ajuste educador/educando e este com o meio. O autor completa dizendo que *“a escola precisa ser fonte continua de aprazer obtido nos trabalhos individuais e coletivos.”*

Sendo assim, desde o primeiro dia, os professores da pré-escola devem cativar suas crianças com brincadeiras, mímica, historinhas personificadas mudando de voz, fazer brincadeiras ou cantar musiquinhas em que as crianças sintam prazer em serem os protagonistas, como por exemplo: *“faz assim, faz assim (...)”*, *“movimento, movimento o pé direito (...)”* e outras que possam despertar a criança para a socialização e afetividade.

Nesta faixa etária, a criança adora ser tocada, abraçada, beijada e elogiada. Saltini (2002, p. 87) afirma que *“a criança deseja a necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”*

Assim, o educador precisa explorar estes aspectos para que a criança tenha prazer pela aprendizagem e sinta-se sujeito atuante/participante e interlocutor de diversas situações do saber, entenda que a escola é um espaço social no qual cada um tem seu lugar e sua oportunidade, ora individual, ora coletiva, mas fundamentais para o estabelecimento de boas relações com o saber e com os outros que compartilham e colaboram com a construção da sua identidade.

Além de proporcionar meios para que a criança construa estes e outros conceitos, o professor deve ter o cuidado para não dar atenção demasiada para uns e, involuntariamente, excluir outros. Aquela criança que chora, ou é tímida, não tenha se socializado e não participa ou não quer participar da atividade escolar merece atenção especial neste processo de adaptação.

É preciso que o educador use diversas estratégias para incluí-la nas atividades, como convidá-la para realizar determinadas tarefas, elogiar sua

participação pode contribuir para que o aluno sinta-se capaz e importante para o processo. O PCN (BRASIL, 1998, p.30, vol.2) nos apresenta dicas para tornar menos dolorosa a adaptação da criança neste novo espaço social:

É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitado seus hábitos, ritmos individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças, compreendendo o que elas estão querendo comunicar fortalece sua autoconfiança.

Isso exige um olhar atento do educador para as manifestações individuais das crianças e serenidade para diversificar atuações de ensino que permitam a integração. Perceber as manifestações individuais implica em ler os olhares, as atitudes dos alunos e entender sua história.

A diversificação das situações de ensino exige compreensão de concepções de ensino, processos de aprendizagem e estratégias de ensino para adequar as propostas escolares, as características do grupo, permitindo que a aprendizagem dos conceitos sejam manifestadas de diferentes maneiras. Se o educador considera importante estes elementos na prática pedagógica, certamente um clima favorável à aprendizagem irá surgir, o que representa também afeto para o sujeito aprendente.

Saltini (2002, p.87) confirma os argumentos acima mencionando que “*o desenvolvimento cognitivo só é possível se houver condições afetivas e relacionamento social favorável.*”. Diante disso, é inegável que a afetividade é um aspecto necessário, complementar e indissociável de ensino e aprendizagem do ser humano. Saltini (2002, p.87) ainda afirma:

Na pré-escola a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala, no pátio, seja nos passeios e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetivos e a construção de um conhecimento altamente envolvente.

De fato no espaço educativo compartilhamos do que é citado acima, pois, com freqüência, as crianças nos contam suas descobertas, curiosidades e suas novidades. Cabe a nós educadores, ouvi-las atentamente para descobrir até que ponto a criança sabe sobre o assunto e procurar sanar dúvidas, estimulando- a assim, a participar das atividades escolares, respeitando sempre seu ritmo de desenvolvimento, pois este é um método afetivo de se trabalhar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ser educador é desafiante. Por isso, ao escolher a turma que se deseja trabalhar, o professor deve refletir sobre sua própria personalidade e escolher a faixa-etária que melhor se identifique, pois ao desempenharmos com responsabilidade a função de educador estaremos contribuindo para o desenvolvimento da auto-estima e socialização da criança, sobretudo na interação escola/educador/educando e família.

Acredita-se que a educação começa na concepção da criança ainda no seio materno. A mãe que aceita a gestação com carinho, que aguarda o nascimento e recebe feliz o bebê, começa a prepará-lo com estímulos positivos, porque já começou a criar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. E essa educação se prolonga por anos.

A educação escolar surgiu como um complemento do desenvolvimento da educação familiar, ou seja, é uma instituição criada para organizar o conhecimento sistematizado, possibilitando meios para que a criação adquira saberes construídos historicamente e necessários para a convivência social, os quais na família muitas vezes são limitados.

Assim, a escola, é um espaço de respeito a progressiva maturação física e intelectual/cognitiva da criança para que ela possa alcançar o máximo de suas possibilidades como forma de sua realização plena. A criança, seja de situação sócio-econômica bem sucedida ou não, deve encontrar na figura do educador, estímulo positivo no espaço escolar para exercitar-se como sujeito social.

Para isso, a segurança é um fator importante para seu desenvolvimento pessoal e afetivo. Um dos papéis da escola é instruir para a vida e do professor é encaminhar esse processo, utilizando as mais variadas formas e considerando o afeto como desencadeador de sucesso do desenvolvimento infantil dentro ou fora da escola. Confirmando isso, Alencar e Rodrigues (apud BOCK, 2005, p. 140) evidenciam que:

Independente de estar o educador atento ou não, interessado ou não na formação de seus educandos, ele estará influenciando-os, e para que ele

possa exercer uma influencia positiva, alguns princípios fundamentais que poderiam nortear seu comportamento em sala de aula: 1º tente ser próximo, afetivo, simpático com seu aluno como pessoa merecedora de todo seu afeto e atenção, mesmo que ele não saia bem nas atividades curriculares de estudo. 2º lembre-se de que uma simples palavra ou comentário poderá causar marca profunda no educando e acompanhá-lo de forma positiva ou negativa ao longo de sua vida. 3º aceite as contribuições dos alunos sem julgamentos ou criticas destrutivas, crie espaço para ouvi-los.

Vale ressaltar aqui, que este trabalho não é uma sugestão nem uma fórmula de como o educador deve agir diante de seus educandos nesse tipo de situação.

Primeiro, porque não ousou acreditar estar capacitada para tanto e segundo, porque devemos levar em consideração as diferenças individuais das crianças nas turmas, pois como diz Henri Wallon (apud MAHONEY e ALMEIDA, 2004, p. 138-139) “a formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ter uma referência perpétua nas experiências pedagógicas que eles próprios podem realizar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 2v.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3.v.

CAPELATTO, Ivan. **Diálogos sobre afetividade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

CRAIDY, C. M. & KAERCHER, E. P. (orgs). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNANDÉZ, Alicia. **Os idiomas do aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Trad. Neusa Kern Hickel e Regina Orgler Sordi. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALVÃO, Isabel. **Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon**. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. Salvador, BA: ABRAPEE e Faculdade Ruy Barbosa, 2003.

MACEDO, Elizabeth. **Criar Currículo no Cotidiano**. Cortez, São Paulo, 2004.

MACHADO, Maria Lucia de A.(org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 2ºed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. Trad. Maria Lúcia Spedo Hildorf e Antonieta Barini. São Paulo: Sammus, 1985.

MAHONEY, Maria Lúcia Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. vol.2 Brasília: MEC/SEF, 1998.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz..** Trad. Gilmar Saint e Clair Riberio. São Paulo: Loyola, 1999.

MORENO, M. **Conhecimento e Mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento**. Ed Morena e Editora Unicamp, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Gisele de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PAREDES, Eugênia Coelho e TANUS, Maria Ignez Joffre. **Psicologia. Fundamentos da teoria piagetiana**. Cuiabá: UFMT, 2000.

PROFESSOR da pré-escola: Fundação Roberto Marinho. Convênio entre a Fundação Roberto Marinho e o Ministério da Educação, para capacitação de professores da Pré-Escola. Rio de Janeiro: FAE, 1991.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. v. 01.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Relacionamentos entre pais e filhos**. In Mundo Jovem: um Jornal de Idéias. Ano XLI, nº 337, 2003.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-Escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.